

Reflexões sobre o sudoeste paulista por intermédio da folia de reis de Florínea (SP)¹

Reflections on the Paulista Southwest through the Three Kings' Day of Florínea (SP)

Reflexiones sobre el suroeste paulista a través de la folia de reis de Florínea (SP)

Rafaela Sales Goulart²

Recebido em: 27/2/2018

Aceito para publicação em: 10/5/2018

¹ Este artigo é resultado de reflexões realizadas em mestrado pela Universidade Estadual Paulista (Unesp)/Assis, momento em que a autora obteve bolsa Fapesp. A dissertação foi transformada no livro *Sentidos da folia de reis: um estudo da memória e da identidade da celebração popular em Florínea* (2018), também financiado pela Fapesp e publicado pela Alameda Editorial.

² Mestra em História pela Unesp/Assis.

Resumo: Por intermédio do estudo das memórias da folia de reis de Florínea (SP), entre os anos de 2012 e 2016, constatou-se que as principais mudanças estabelecidas na celebração popular (êxodo da festa do campo à cidade, estabelecimento de local específico para o festejo, institucionalização do grupo de folia de reis) se deram em confluência a desdobramentos socioeconômicos específicos registrados no lugar em que ela se insere. Nesse sentido, o artigo pretende recuperar aspectos dessa memória histórica que se estende ao longo do século XX e início do XXI, utilizando análises das memórias sociais acerca da festa como uma lupa para reflexões sobre a região sudoeste paulista.

Palavras-chave: folia de reis de Florínea (SP); memória; história regional.

Abstract: By studying the memories of the Three Kings' Day of Florínea (SP) between the years of 2012 and 2016, we can notice that the main changes established in this popular celebration (the festival's exodus from the country to the city, the establishment of a specific place for the celebration, the institutionalization of the Three Kings' Day group) occurred in confluence with specific socioeconomic developments registered where it is inserted. In this sense, this paper intends to retrieve some of this historical memory's features that extend throughout the 20th and the beginning of the 21st centuries, employing analyzes of the social memories about the celebration as a magnifying glass for reflections on the Paulista southwestern region.

Keywords: Three Kings' Day of Florínea (SP); memory; regional history.

Resumen: A través del estudio de los recuerdos de la *folia de reis* de Florínea (SP), entre los años 2012 y 2016, se constató que los principales cambios establecidos en la celebración popular (éxodo de la fiesta del campo a la ciudad, establecimiento de local específico para el festejo, institucionalización del grupo de *folia de reis*) sucedieron al mismo tempo que despliegues socioeconómicos específicos eran registrados en el lugar en el que ella se ubica. En este sentido, el artículo pretende recuperar aspectos de esa memoria historia que se extiende a lo largo del siglo XX y principios del siglo XXI, utilizando análisis de las memorias sociales acerca de la fiesta, como una lupa para reflexiones sobre la región suroeste paulista.

Palabras clave: *folia de reis* de Florínea (SP); memoria; historia regional.

INTRODUÇÃO

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (LE GOFF, 2003, p. 419).

O excerto conceitua o que se entende como memória com base em funções individuais e psíquicas próprias do homem, entretanto não traduz em maior âmbito as concepções de Jacques Le Goff acerca da memória social, tarefa que pretendemos desenvolver, mesmo que seja nas entrelinhas deste texto.

Ora, o homem produz memória individual, mas sua condição social o faz estabelecer e manter relação com o(s) outro(s), o que o torna produto(r) de impressões e representações variadas. Assim, o processo de relacionar-se demanda vivência e identificação, o que produz

não só memórias individuais divergentes, mas também uma memória coletiva constituída por meio de sentimentos e interesses comuns.

Em tal aspecto, este artigo se fundamentará na memória coletiva de um grupo de *folia de reis* do sudoeste paulista que, mesmo composto por pessoas diferentes, atesta sua identidade, fincada aos valores e significados apreendidos por meio da celebração, com o objetivo comum de preservá-la como bem cultural da (e na) cidade de Florínea. Essa pretensão, por sua vez, foi notada em entrevistas realizadas com os integrantes da comunidade festiva entre os anos de 2012 e 2016³, momento em que passamos a entender não só as características atuais dessa folia de reis, no contexto urbano, mas compreender, por meio da memória coletiva dos foliões, quais foram os desdobramentos dessa história iniciada no século XX. Ou seja, como a história dessa festa foi rememorada? Quais foram os principais acontecimentos que vieram a calhar nas lembranças dos entrevistados e em que momento eles ocorreram? E o que essas informações podem dizer não só sobre as trajetórias da festa, mas também sobre o local em que ela se insere?

Antes das possíveis respostas, faz-se necessário introduzir informações gerais sobre a cidade e a festa.

Florínea é uma das pequenas cidades formadas no início do século XX na região sudoeste do estado de São Paulo. Banhada pelo Rio Paranapanema, faz divisa com o estado do Paraná e apresenta limites com os municípios paulistas de Tarumã, Pedrinhas Paulista e Cândido Mota. Pertence à micro e mesorregião de Assis, cidade da qual se distancia em aproximadamente 46 km, e da capital São Paulo se afasta em cerca de 487 km a oeste. Segundo o censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018), possui uma população de 2.829 habitantes e um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,713. Sua economia gira em torno da agropecuária, especialmente da lavoura da cana-de-açúcar.

Com relação à folia de reis, é uma celebração popular de origem europeia dedicada aos Santos Reis ou Três Reis Magos (Baltazar, Melchior e Gaspar)⁴. No Brasil, o ritual festivo fundamenta-se em narrativas bíblicas⁵ do ciclo natalino e, portanto, as comemorações são geralmente realizadas entre os dias 25 de dezembro e 6 de janeiro, datas que indicam respectivamente: o nascimento de Jesus e saída dos magos do Oriente em sua direção; um dos milagres da epifania⁶: revelação que possibilitou o aparecimento e o reconhecimento do recém-nascido em Belém. Dessa maneira, a comemoração representa e reconstitui não só a viagem dos reis, mas o encontro dessas personagens santificadas com aquele que seria o verdadeiro Deus (PESSOA; FÉLIX, 2007). Por intermédio de símbolos, *performances*, cantorias e linguagens inspiradas na cultura e tradição oral, os devotos e/ou simpatizantes dos valores e sentimentos que emanam dessa memória, a qual varia de lugar para lugar, depositam nos

³ Os principais teóricos que me nortearam na lida com a metodologia da história oral, a qual possibilitou o levantamento de 26 relatos orais (entrevistei 22 integrantes do grupo de folia de reis, bem como a secretária de cultura do município, dois produtores culturais e um pároco vinculado à história da festa) e demais documentos (fotografias, audiovisuais etc.) sobre o grupo de folia de reis de Florínea, foram: Alessandro Portelli (1997), Alistair Thomson (1997), Janaína Amado (1997), Paul Thompson (2002) e Verena Alberti (2010).

⁴ Há uma extensa bibliografia brasileira referente às folias de reis. Destaco, no entanto, estudos do campo do folclore, antropologia e história: Cascudo (1954), Castro e Couto (1977), Brandão (1977; 2007), Bitter (2008), Pessoa e Félix (2007), Goulart (2018).

⁵ Na versão bíblica consultada, esses episódios são narrados nos livros de Mateus (1: 18-22) e Lucas (1: 26-37; 2: 1-21). Vide: Bíblia Sagrada (2000).

⁶ Jacopo de Varazze (2003, p. 149) define o termo *epifania*: “[...] *epí*, ‘em cima’, e *phanos*, ‘aparição’, porque a estrela apareceu no céu para indicar que Cristo era o verdadeiro Deus”.

reis as suas promessas e reproduzem sua viagem visitando casas a fim de receber presentes (alimentos, bebidas, dinheiro) que ao final da “jornada”, também conhecida como “giro”, serão convertidos em um encontro final que retribui as ofertas de fé feitas aos santos, assim como a toda a comunidade que se predispôs a receber e ajudar o grupo de folia de reis.

As folias de reis estão ligadas aos costumes e práticas culturais dos moradores do campo, pois a vida campesina possui uma temporalidade própria, desapegada da rapidez que compreende os hábitos sociais dos moradores das cidades. O ato de viajar durante o giro, por exemplo, permite, por intermédio do ritual sagrado, momentos de encontro e de sociabilidade que não eram facilmente estabelecidos durante o restante do ano, em função das jornadas de trabalho rural e também pela pouca condição de circulação das pessoas naquele cenário. Tal realidade hoje está modificada, em razão da popularização dos meios de transporte e de comunicação, fatores de modernização que também trouxeram à nossa nova realidade costumes e práticas culturais diferentes, ou mesmo que ocupam espaços distintos no cotidiano atual. Mesmo assim, é visível na contemporaneidade a presença de comemorações que se reconhecem como tradicionais e, portanto, estão vinculadas a uma dita cultura popular. Ainda que se conceba a invenção social de tradições, tal como alertaram Eric Hobsbawm e Terence Ranger (1997), é possível visualizar, especialmente neste texto, que no processo de transição da folia de reis da realidade rural à urbana as pessoas levaram consigo elementos que constituem sua identidade, apropriando-se também de narrativas de memórias que visam à continuidade e à preservação do festejo.

A folia de reis de Florínea teria se iniciado com o festeiro Sebastião Alves de Oliveira, personagem que ocupou, habitou e doou, no início da história da cidade, parte das terras que hoje pertencem a ela. Vale dizer que o festeiro é o sujeito que, ao fazer uma promessa aos santos, fornece sua casa para saída (25 de dezembro) e chegada (6 de janeiro) da bandeira e do grupo de foliões (músicos, palhaços, bandeireiros, devotos e demais simpatizantes do festejo) e, se necessário, se responsabiliza pela doação de alimentos que não foram arrecadados ao longo das visitas. Na região de Florínea, quando as festas eram celebradas no campo, geralmente eram organizadas por festeiros que detinham um poder econômico e político superior aos daqueles que cantavam no ritual de giro das bandeiras, e uma hipótese que justifica a tradição é a de que possuíam melhores condições de espaço físico em seus sítios e fazendas para receber o público festivo. No entanto o que nos interessa aqui é que, independentemente dos motivos que levaram a tais interpretações de seu remoto papel na folia de reis, as lembranças construídas sobre o festeiro, nesse passado, atrelam-no a um *status* social de prestígio, privilégio esse que se condensa à imagem de poder das denominadas famílias tradicionais.

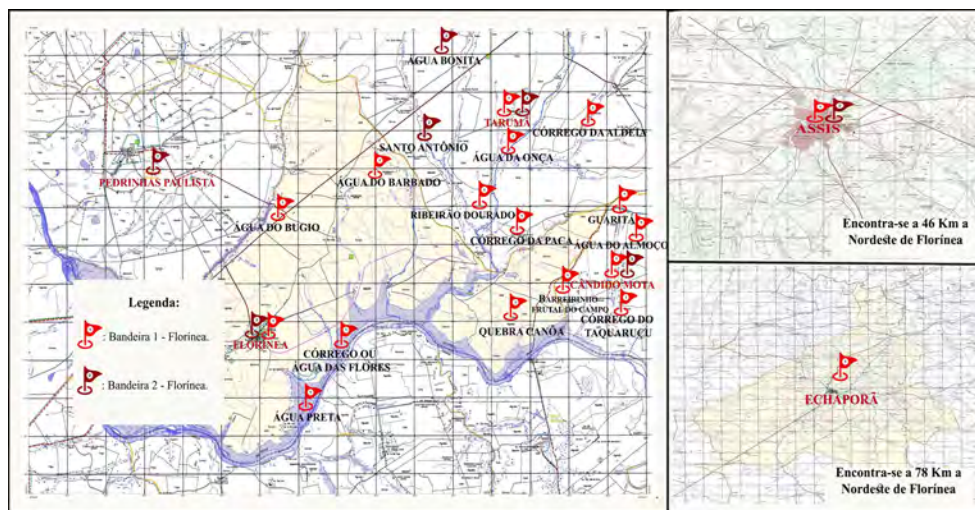
Ao longo dos séculos XX e XXI, entretanto, à medida que a região de Florínea foi se urbanizando, esse componente festivo foi perdendo seu lugar simbólico na folia de reis, sendo o papel hoje cumprido por qualquer pessoa que tenha devoção e vontade de ocupá-lo; afinal, sobretudo a partir da década de 1990, a festa passou a ser realizada em um local específico da cidade – Parque de Tradições, Exposições, Leilões e Festejos Benedito Sebastião de Paula⁷ –, sendo organizada por um grupo de foliões que em 2013 se institucionalizou em Associação Folclórica de Reis Flor do Vale de Florínea⁸. Tais transformações, por sua vez, foram apresentadas de forma positiva nos depoimentos dos foliões.

Nesse sentido, tomando como base memórias sociais de conquistas, conflitos e ressignificações que compreendem a história da folia de reis de Florínea, os quais se desdobraram em confluência às transformações socioeconômicas registradas em bibliografias que discorrem sobre a história do lugar onde ela se insere, o artigo analisará tais confluências, que se deram ao longo do século XX e início do XXI, permitindo uma reflexão geral sobre o sudoeste paulista por intermédio da celebração popular.

⁷ A compra do terreno do Parque de Tradições foi realizada pela Prefeitura de Florínea (FLORÍNEA, 1989).

⁸ Ver Associação Folclórica de Reis Flor do Vale de Florínea (2013).

DO PRESENTE AO PASSADO: MEMÓRIAS DA FOLIA DE REIS DE FLORÍNEA

Figura 1 – Mapa da atual rota regional de circulação das bandeiras de folia de reis de Florínea (editado)

Fonte: IBGE (2017)

A figura 1 apresenta nomes de cidades (em fonte vermelha: Florínea, Pedrinhas Paulista, Tarumã, Cândido Mota, Assis e Echaporã) e de bairros rurais (em fonte preta: Água Preta, Córrego ou Água das Flores, Água do Barbado, Água do Bugio e Quebra Canoa – em Florínea; Guaritá, Água do Almoço, Taquaruçu, Barreirinho/Frutal do Campo – em Cândido Mota; Córrego da Paca, Santo Antônio, Água da Onça, Ribeirão Dourado, Água Bonita e Córrego da Aldeia – em Tarumã) indicados como pontos de circulação e visita das bandeiras de folia de reis de Florínea pela região. Esse território foi constituído, como conceituou Milton Santos (1997, p. 59), pelos significados de pertença que lhe foram atribuídos durante os desdobramentos da história da folia de reis. Tais significados estão relacionados aos papéis desenvolvidos pelos foliões no grupo e, sobretudo, pelo aprendizado social que a celebração proporciona, muitas vezes fundamentado em narrações de promessas feitas e milagres alcançados (PESSOA, 2007).

Nesse aspecto, o trecho a seguir mostra como o fundador e a fundação da festa foram rememorados por um dos mestres de Florínea⁹:

[...] eles moravam em Cândido Mota, então eles mudaram pra cá, foi aonde que um mal feito deles lá... começou morrer gado do pessoal, uns negócios que deram errado... O cara fez uma promessa que faria a festa de Santo Reis se eles acertassem a situação dele. Então aí começou a dar certo e foi aí que o Sebastião Alves, que é o pai do Jorge Alves, fez a primeira festa, inclusive foi no Guaritá, perto de Frutal... foi à região que foi feita a primeira festa nossa... [...] Eles entraram aqui no começo, abrindo, não tinha escritura, não tinha nada, então

⁹ O mestre é o líder do grupo de cantores da folia de reis. Detém papel fundamental no ritual da folia de reis, pois possui uma trajetória antiga em seu grupo, o que lhe garante sabedoria para contar e elaborar versos que discorrem sobre a história do próprio grupo e sobre as narrativas populares acerca da celebração. É considerado um repentista, porque tem facilidade para fazer rimas sobre as histórias que compreendem a folia de reis.

eles começaram de Cândido Mota... foram descendo por aqui, abrindo e falando que era deles... eu acho que era dois sócios... eles brigaram entre eles lá... aí o cara estava falindo... o cara se apegou, melhorando a situação e tal... os bois pararam de morrer e então começaram a fazer festa de Santo Reis, foi aonde que “tá” até hoje... mas é aquelas coisas que a gente “tá” dizendo, milagre, essas coisas... (SILVA, 2013).

Essa história não foi rememorada só pelo mestre; outros foliões a descreveram, cada um a sua maneira, como uma crise vivenciada por Sebastião Alves de Oliveira, a qual teria ocorrido no início do século XX. Como indicado no trecho, três situações pontuam tal conflito que gerou a promessa e fortaleceu a crença de Sebastião nos santos, isto é: a morte dos seus bois, a briga entre ele e seu sócio e sua falência. Como se trata de memórias, o julgamento das informações deve vir acompanhado de cuidados específicos, pois se sabe que os sujeitos tendem a recompor suas reminiscências dando sentidos a sua vida passada e presente, de modo que sua identidade seja construída sob a perspectiva da conformidade entre os tempos (THOMSON, 1997, p. 57). Segundo Michael Pollak (1989), as memórias podem ainda oferecer brechas para novas questões, já que os sujeitos investigados procuram enquadrar sua própria identidade.

Nesse aspecto, qual seria a relação entre os conflitos anteriormente narrados e o que eles podem indicar não só sobre o início da festa, mas sobre o próprio espaço de circulação atual das bandeiras de folia de reis de Florínea (figura 1)?

De acordo com o depoimento de Rozimbo do Nascimento (2012), filho de um dos funcionários de Sebastião, da Água do Almoço o festeiro teria migrado para Guaritá (Cândido Mota), Itaguara do Sul (braço menor do Córrego do Taquaruçu – Cândido Mota), Água da Paca (Tarumã) e depois para Água do Barbado (Florínea), lugares ocupados para moradia e trabalho com a extração de madeiras para Machado Bastos. Assim, as árvores eram derrubadas e seus troncos transportados com carros de bois pelos empregados de Sebastião. Já a função de Machado Bastos, ainda segundo Rozimbo, era ministrar e exportar as madeiras.

De fato, constatou-se não só a existência da Machado Bastos & Cia. como serraria de Cândido Mota (REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL, 1948) – a qual era vinculada a firma carioca de comercialização de materiais de construção, decoração e mobiliário e de importação de madeiras nacionais e estrangeiras¹⁰ –, mas também uma relação crítica que Sebastião apresentava diante dessa empresa na década de 1930, situação que gerou processos judiciais (ASSIS, 1933; ASSIS, 1937) que culminaram no pagamento de dívidas do festeiro à Machado Bastos & Cia. Entretanto, além da razão que fez com que Sebastião vendesse parte de seus bens, os processos indicaram sobretudo onde esse considerado pioneiro da região os possuía. Destacaram-se imóveis no “Ribeirão dos Queixadas – Taquarussuzão ou Guaritá, Dourado, Aldeia, Ribeirão dos Queixadas – Quebra Canôa, Pau Barbado (Água do Pau Barbado), Pau Barbado (Água das Flores ou Água do Pântano) e Água do Almoço” (ASSIS, 1933; ASSIS, 1937). Ou seja, locais que confirmam a instalação e as consideráveis posses do festeiro pela região de Florínea.

Outro ponto interessante foi encontrado em um processo de 1929 (ASSIS, 1929), em que Sebastião, no momento um dos proprietários de um lote localizado na Fazenda dos Queixadas (Quebra Canoa – Florínea), foi acusado de fazer extração ilegal de madeira em uma propriedade vizinha. Tal situação conduz à pressuposição de prática ilícita de ocupação de terras, conflitos entre famílias já instaladas na região e/ou mesmo a saída de

¹⁰ Conforme anúncio publicado no *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro – 1891 a 1940* (s.d.).

Sebastião do lugar. Embora não se tenham encontrado mais documentos ou informações nos processos que explicam como se deram as aquisições desses lotes de terra pelos seus proprietários, ou seja, se eles foram adquiridos por compra ou pela posse dos terrenos, o que se pode trazer de maneira mais clara para o texto é o imaginário que permaneceu no atual discurso de fundação da folia de reis quanto à figura de Sebastião, o qual teria conquistado as terras que circundam e que pertencem à atual Florínea, ações, por sua vez, vinculadas a promessas do festeiro aos Santos Reis.

Além dessas informações relacionadas à fundação da festa por Sebastião, é importante dizer que em Florínea uma das especificidades da folia de reis é justamente a presença de duas bandeiras que, mesmo fazendo caminhos diferentes pela região durante o ritual de visitas, integram um único grupo, o qual se encontra novamente no dia 6 de janeiro, na celebração final no Parque de Tradições. Ora, nesse próprio local há placas decorativas que remontam a parte da história da festa: indica-se a bandeira 1 como fundada em 1932 por Sebastião e seu filho, Jorge Alves de Oliveira; já a bandeira 2, de 1933, é atribuída aos fundadores José Inácio e João Inácio, homens que teriam sido empregados de Sebastião. Nesse aspecto, é possível dizer que as duas bandeiras ou grupos que se integram na contemporaneidade surgiram mesmo na década de 1930, mas, quando se rememora a fundação da *folia de reis de Florínea*, o nome mais lembrado e enquadrado entre os anos de 1920 e 1940 é o de Sebastião.

Entre as décadas de 1950 e 1960, momento em que os foliões mais antigos do grupo atual já se apresentavam na juventude, o que se recorda, quando instigados a falar sobre os primórdios da festa, são os nomes de mestres que foram significativos para o grupo de folia de reis, sendo eles vinculados à nomeação e ao reconhecimento das bandeiras 1 e 2. Vale dizer também que a partir de 1970 outro episódio vinculado a um milagre passou a ser muito rememorado pelos foliões de Florínea. Trata-se de um período de fragilidade da festa que poderia interromper o ritual anual iniciado no início do século XX, que se deu por conta da desistência de Jorge, filho de Sebastião, de dar continuidade ao tradicional e familiar festejo na região de Florínea.

Assim, mesmo não apontando os motivos que determinaram tal atitude de Jorge, os foliões passaram a rememorar no fim do século XX os nomes de três foliões que teriam tomado a frente dessa situação, não permitindo que a tradição festiva se acabasse: Santino Fabiano Neto, Alfeu do Nascimento e Onésimo Gomes de Moraes (Nezião), ao receberem de última hora tal notícia de Jorge, passaram a protagonizar a liderança da folia de reis, decididos a organizar a festa no sítio de propriedade de Alfeu. Amado de Jesus Silva (2013) recorda que, quando os foliões saíram para avisar os demais integrantes do grupo sobre seus planos,

[...] formou aquela nuvem... e quando o Nezião funcionou a Rural para sair, quase que ele não sai, caiu água no sítio do Alfeu... eu tenho um amigo meu que mora no sítio na esquina, que “tá” vivo para confirmar isso... caiu água... ali é divisa do Alfeu e, para cá, é do Coda. Do outro lado da cerca do Coda, não caiu um pingo d’água, choveu só no sítio do Alfeu... aquela nuvem... era no dia 24 e, no outro dia, nós fizemos a saída da bandeira...

Como se percebe no depoimento, a chuva foi assimilada simbolicamente como um sinal de que, apesar das dificuldades, os foliões conseguiriam (e de fato conseguiram) ultrapassá-las, permitindo a continuidade do festejo sagrado.

Após o episódio tomado como milagroso, entretanto, a continuidade da folia de reis permaneceu ameaçada, em função da dificuldade de encontrar novos festeiros e lugares para a realização da festa final. Nesse âmbito, até que a prefeitura comprasse o terreno do Parque de Tradições em 1989, o grupo de folia de reis passou a pedir, nos giros, que novos festeiros assumissem as celebrações dos próximos anos. Isso ocorreu com Florêncio Bavaresco Dias (2014), que esclarece:

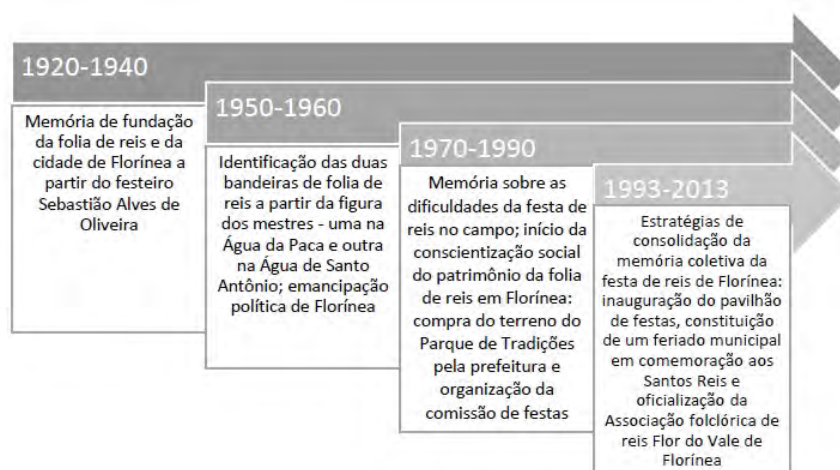
[...] recebi essa carta... “Nós de Santo Reis pede pra você: Não deixe a bandeira de Santo Reis parar!”. Isso foi na casa do meu pai em 1979. Eu li aquela carta, chamei a minha irmã... falei: “O que vocês querem de mim?”... “Que você pegue a próxima festa e continue com a festa de Santo Reis”... E a gente fez isso... eu com a minha irmã Rosa Helena que hoje mora em Iepê... Muita dificuldade, naquele tempo era muito difícil as coisas... não era igual agora que é tudo mais fácil... Naquele tempo a gente tinha que fazer barracão, tudo era difícil... Então, o meio que eu entrei no Santo Reis, fora que moda ou outra a minha família já acompanhava faz muitos anos, foi por esta carta [...]. A festa que eu fiz foi aqui no Campo Municipal de Florínea, não tinha local certo, já estava em cima da hora... foi ali que nós... fizemos uma festa... formamos uma nova diretoria...

Entre as informações compartilhadas pelo folião, mencionam-se as dificuldades por que a festa passava em fins da década de 1970, afinal havia toda uma logística que implicava aos festeiros boas condições financeiras ou bons contatos que lhes possibilitassem liderar a festa, cedendo e/ou montando um barracão onde seriam distribuídos os alimentos para toda a comunidade. No contexto da cidade, lugar onde já se concentrava maior parte da população naquele período, por causa do êxodo rural, a folia de reis exigia mais organização, o que, como apresenta o depoimento, resultou na formação de uma diretoria, ou seja, de um grupo que liderasse a celebração agora no meio urbano florinense. Sobre isso, Florêncio conta que teve ligação com a compra do Parque de Tradições, após um tempo em que ele teria sido o festeiro, conforme a citação anterior. Naquele momento era vereador e, portanto, influente com o Poder Executivo da cidade.

Consultaram-se fontes sobre a memória material acerca da festa, como atas das reuniões do novo grupo que teria assumido a liderança da folia de reis de Florínea em 1990. O grupo foi se fortalecendo, ainda mais com a conquista do lugar da festa na cidade, um lugar físico e, por sua vez, simbólico da trajetória do grupo de folia de reis que já percebia a sua instabilidade no contexto do campo. Com a vinda da festa para a cidade e sua estabilização no Parque de Tradições, tornava-se possível continuar tal tradição que, por ora, não precisava da propriedade de um festeiro para sua feitura, mas sim da boa vontade de uma pessoa que quisesse assumir tal papel e de um grupo organizado para liderá-lo. Além do mais, quando se reflete do ponto de vista do poder público local, ao ceder um lugar para a realização da folia de reis, institucionalizar-se-ia a tradição nessa cidade, o que corrobora o fortalecimento de sua identidade cultural, por sua vez ligada a nomes de famílias pioneiras na região¹¹.

Finalmente, por intermédio de um resumo das memórias sociais acerca da folia de reis de Florínea, foi possível criar uma tabela que situa no tempo suas trajetórias históricas:

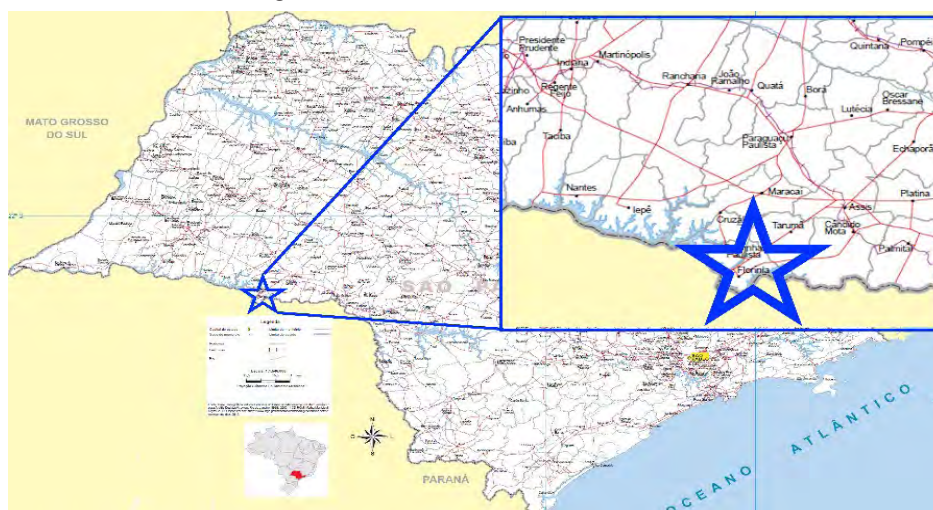
¹¹ A partir de 2010, o dia 6 de janeiro passou a ser feriado municipal dedicado à tradição festiva dos Santos Reis (FLORÍNEA, 2009).

Figura 2 – Temporalidade da folia de reis de Florínea (SP) na memória social

Fonte: Goulart (2018, p. 146)

De maneira mais organizada, as memórias ilustradas na figura situam em décadas alguns dos principais passos do grupo de Florínea, o qual paulatinamente foi conquistando seu lugar na cidade, identificando tais momentos a eventos de memória e também a fatos reais de sua história, como se percebeu a partir de 1990. Esse enquadramento, embora possa ser objeto de críticas, por se tratar de uma reconstrução temporal com base em memórias que, portanto, podem ter sido distorcidas ao longo do tempo, permite visualizar tal história de maneira mais organizada e clara, de modo a relacioná-la à própria trajetória histórica da cidade e região a que a festa pertence. Os relatos de milagres vinculados ao fundador da folia de reis de Florínea, bem como aos três foliões que não deixaram a festa acabar, por exemplo, podem indicar conflitos inerentes a crises pelas quais a própria região sudoeste paulista passava naqueles momentos.

O SUDOESTE PAULISTA SOB A LUPA DA FOLIA DE REIS DE FLORÍNEA

Figura 3 – Mapa do estado de São Paulo – escala 1:1.546.000. A imagem foi editada a fim de focar o município de Florínea (indicado com estrela em fonte azul) e de melhor visualizar as linhas rodoviárias e ferroviárias da região em foco

Fonte: Mapa... (2018)

Sob o prisma de uma história geoeconômica da região, deve-se dizer que Florínea compreende a parte baixa do oeste do estado de São Paulo (figura 3), território também chamado de Vale do Paranapanema, em referência ao rio que corta os estados de São Paulo e Paraná. Por intermédio desse rio, foi possível chegar ao sertão ainda desconhecido pelos colonizadores no século XIX e reocupá-lo por meio de um movimento que ficou conhecido como marcha para o oeste (RICARDO, 1940). De fato, tal região de terras férteis foi modificada por ferrovias e estradas de rodagem no início do século XX, mesmo momento em que se rememora a fundação da folia de reis de Florínea. Houve, no lugar, as primeiras incursões agrícolas com o cultivo de café e algodão e a conseqüente criação de pequenos núcleos urbanos como Assis e Cândido Mota, cidades emancipadas, respectivamente, em 1917 e 1923. Como se pode averiguar na imagem anterior e em bibliografias relativas à história dos empreendimentos ferroviários no oeste do estado de São Paulo¹², os trilhos da Estrada de Ferro Sorocabana saíram de Assis, passaram por cidades da atual região de Presidente Prudente e seguiram em direção ao Centro-Oeste do Brasil.

Em meados do século XX, quando Florínea conquistou sua autonomia política, deixando de ser distrito de Assis em 1953, registrou-se na região o cultivo de arroz, feijão, milho, mamona, batata e eucaliptos (DIAS, 1952). Além das práticas rurais mencionadas, também eram comuns a extração de madeira, assim como fazia o festeiro Sebastião Alves de Oliveira, a criação de gado e a safra de porcos, a última caracterizada pela engorda dos animais com milho e seu posterior abate e venda (NUNES, 1993, p. 18). Do período também datam a inserção e o paulatino fortalecimento da produção da cana-de-açúcar que, sobretudo a partir da década de 1970, foi a cultura agrícola responsável pelas mudanças no *modus vivendi* da população, a qual passou a habitar as cidades, enquadrando-se em serviços oferecidos no meio urbano e em indústrias da região (CAMPOS JR., 1992).

Com destaque para a produção de açúcar, a Usina Nova América foi instalada em 1947 na Fazenda Nova América, empresa e fazenda que se encontram nos limites do município de Tarumã, o qual, na atualidade, além da hoje chamada NovAmérica, sedia também as empresas Raízen Tarumã Ltda. e a Água Bonita – Etanol, Açúcar, Energia. Dessa maneira, mediante a extensiva produção de cana-de-açúcar ao longo da segunda metade do século XX, em substancial substituição ao café e demais culturas agrícolas do sudoeste paulista, houve a conseqüente troca das condições sociais de trabalho da população em um processo de mecanização da mão de obra no campo. Essa transformação foi incentivada na década de 1970 por projetos do governo federal, tais como o Programa Nacional do Alcool (BERTAZI, 2014).

É interessante observar que a empresa nacional Raízen foi criada pelos acionistas da Shell e da Cosan em 2011. Ao integrar os negócios das companhias, ela intencionava abranger em âmbito internacional as vendas de etanol. Nesse aspecto, cabe a reflexão de que a região onde se situa a folia de reis de Florínea foi recentemente abalada por ondas do neoliberalismo proveniente das lógicas de empresas como a Raízen, a qual comprou grande parte de produção da NovAmérica, migrando ambas para sedes abertas no Mato Grosso do Sul, o que possibilitou um fluxo migratório para tal estado ao longo da década de 2010, reconfigurando, mais uma vez, a história do sudoeste paulista. Essa região pode ser entendida como de passagem, pois nasceu e se desenvolveu economicamente às margens dos trilhos ferroviários, do café e da cana-de-açúcar, passando hoje pelo conturbado movimento global do agronegócio. Tal movimento, por sua vez, tende a modificar algumas práticas culturais tradicionais, em função da rapidez com que se vincula ao giro econômico atual, o que, comparando às trajetórias históricas da folia de reis de Florínea, parece contribuir para sua

¹² A Estrada de Ferro Sorocabana fincou seus trilhos por Assis e Cândido Mota em 1914. Sobre a história da região, consultar: Corrêa (1988), Christofolletti (2009), Di Creddo (1987), Monbeig (1984), Penço (1980).

institucionalização na cidade. Trata-se de um processo de patrimonialização de celebrações populares que, nessa região do sudoeste paulista, deve ser mais bem investigado. Aliás, das cidades pelas quais a folia de reis de Florínea circula, ela é sem dúvida um exemplo para pensarmos o lugar da folia de reis e dos demais patrimônios imateriais, como alternativa socioeconômica para cidades que se encontram marginalizadas em virtude de sua histórica condição de ser um caminho a oeste.

CONCLUSÃO

O movimento de migração da folia de reis do espaço rural de Florínea para o urbano foi resultante da história do lugar em que ela se insere, marcadamente influenciado pelas incursões do agronegócio no sudoeste paulista, que, embora não se tenha considerado claramente nas memórias levantadas na pesquisa, se subentenderam principalmente nos conflitos relatados na transição da década de 1970 a 1980, quando na falta de festeiros o grupo de foliões precisou trazer suas bandeiras para o pouso “definitivo” em Florínea, cidade onde o poder público estava tradicionalmente ligado à celebração por meio daqueles representantes festivos (festeiros de famílias tradicionais), o que permitiria a consolidação do lugar e do espaço da manifestação cultural na identidade pública do município e, como contraponto, traria a estes benefícios culturais, turísticos, econômicos e políticos.

Nesse movimento, o grupo de folia de reis remodelou-se, adequando seu ritual e as funções sociais nele presentes. O papel desenvolvido pelo festeiro na atualidade é um exemplo de ressignificação da manifestação cultural, pois hoje, para cumprir tal tarefa, não necessariamente é preciso ter poder aquisitivo e sociopolítico para organizar e dar o lugar da festa de encontro das bandeiras, como a antiga realidade rural demandava. Além da popularização representativa do festeiro, é importante destacar os anos de 1990 e de 2013 como marcos da conquista da autonomia do grupo de foliões diante de suas funções sociais, que exigiram, e ainda exigem, organização coletiva e alianças com o poder público local.

A própria criação da Associação Folclórica de Reis Flor do Vale de Florínea após 23 anos da conquista do lugar da festa e dos relatos de reunião de uma diretoria demonstra os problemas enfrentados tanto pelos grupos detentores de bens culturais quanto pelos poderes públicos dos municípios do interior do país, os quais são reféns de uma recente, porém conturbada, história regional e local. O sudoeste paulista parece ter sido tomado ao longo dos séculos XX e XXI por ondas do capitalismo que chegam, saem, retornam, se estagnam, levando-nos a entendê-lo como um lugar de passagem que, ao contrário dos giros da folia de reis, os quais (re)constroem memórias e significados que corroboram o fortalecimento da identidade de pequenas comunidades como as de Florínea, produz pouca consciência de memória sobre seu próprio lugar na história do estado. Afinal, qual é a identidade de alguém natural do sudoeste paulista? Se por um momento tínhamos o símbolo do bandeirante como elemento desbravador do interior, sobretudo paulista, qual será o seu legado e seu sentido atual para essa região?

Muitas outras questões poderiam ser feitas, todavia por ora fica a reflexão que parte de um festejo popular tão simples e, ao mesmo tempo, tão exemplar em termos de formulação de táticas em prol de sua memória.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2010.

ALMANAK Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro – 1891 a 1940. s.d. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=313394&pagfis=102252&pesq=&url=http://memoria.bn.br/docreader#>>. Acesso em: 26 fev. 2018.

AMADO, Janaína. A culpa nossa de cada dia: ética e história oral. **Projeto História**, São Paulo, v. 15, 1997.

ASSIS (SP). **Demarcação da Linha de Divisa das Fazendas – Dourado e Queixadas – Processo n.º 51/1929**. José Júlio e sua mulher e Sebastião Alves de Oliveira e outros. 6/5/1929. Arquivo do Fórum de Assis, Cedap/Assis.

_____. **Instrumento de Agravo – Processo n.º 66/33**. Sebastião Alves de Oliveira e sua mulher e Machado Bastos. 16/10/1933. Arquivo do Fórum de Assis, Cedap/Assis.

_____. **Protesto e Contra-Protesto – Processo n.º 26/1937**. Sebastião Alves de Oliveira e sua mulher e Machado Bastos & Cia. 4/3/1937. Arquivo do Fórum de Assis, Cedap/Assis.

ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA DE REIS FLOR DO VALE DE FLORÍNEA. **Constituição (2013)** – inclui ata da reunião de 2012. Florínea, 2013.

BERTAZI, Márcio Henrique. **Uma história movida a álcool: impactos ambientais no contexto canavieiro paulista (1975 a 2003)**. Dissertação (Mestrado em História)–Universidade Estadual Paulista, Assis, 2014.

BÍBLIA Sagrada. Edição Pastoral Catequética. 137. ed. revisada por Frei João Pedreira de Castro, O. F. M., e pela equipe auxiliar da editora. São Paulo: Ave Maria; Claretiana, 2000.

BITTER, Daniel. **A bandeira e a máscara: estudo sobre a circulação de objetos rituais nas folias de reis**. Tese (Doutorado em Ciências Humanas)–Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 2008.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A folias de reis de Mossâmedes. **Cadernos de Folclore**, Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Departamento de Assuntos Culturais, Fundação Nacional de Arte (Funarte), Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1977.

_____. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

CAMPOS JR., Luís de Castro. **A agroindústria e o espaço urbano de Assis, Vila Prudenciana (1970-1991)**. Dissertação (Mestrado em História)–Universidade Estadual Paulista, Assis, 1992.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1954.

CASTRO, Zaide Maciel de; COUTO, Aracy do Prado. Folias de reis. **Cadernos de Folclore**, Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Departamento de Assuntos Culturais, Fundação Nacional de Arte (Funarte), Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1977.

CHRISTOFOLETTI, Rodrigo. **Assis em mosaico**: caminhos para a construção de uma história (1905-1955). São Paulo: All Print, 2009.

CORRÊA, Anna Maria Martinez. **Poder local e representatividade político-partidária no Vale do Paranapanema (1920-1930)**. Tese (Livre-Docência em História)–Universidade Estadual Paulista, Assis, 1988.

DE VARAZZE, Jacopo. **Legenda Áurea**: vidas de santos. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 149.

DIAS, Florêncio Bavaresco. **Florêncio Bavaresco Dias**: entrevista [11 jul. 2014]. Entrevistadora: Rafaela Sales Goulart. Florínea (SP), 2014. Áudio MP3 (57min55s).

DIAS, José Claudino de Oliveira. Resumo histórico de Assis. In: ASSIS antigo. Assis, 1952.

DI CREDDO, Maria do Carmo Sampaio. **A propriedade da terra no Vale do Paranapanema – a Fazenda Taquaral (1850-1975)**. Tese (Doutorado em História)–Universidade Estadual Paulista, Assis, 1987.

FLORÍNEA (SP). **Lei n.º 351/2009, de 2 de dezembro de 2009**. Dispõe sobre feriados religiosos no município. Florínea, 2009.

_____. **Lei Ordinária n.º 006/89, de 2 de março de 1989**. Autoriza a Prefeitura Municipal de Florínea a adquirir terreno. Florínea, 1989.

GOULART, Rafaela Sales. **Sentidos da folia de reis**: um estudo da memória e da identidade da celebração popular em Florínea. São Paulo: Alameda, 2018.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Florínea**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/florinea/panorama>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

_____. **Mapas – Florínea**. Disponível em: <<http://portaldemapas.ibge.gov.br/portal.php#mapa104999>>. Acesso em: 3 jul. 2017.

JURKEVICS, Vera Irene. Festas religiosas: a materialidade da fé. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 43, p. 73-86, 2005.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: _____. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

MAPA político do estado de São Paulo. **Guia Geográfico – Estado de São Paulo**. Disponível em: <<http://www.sp-turismo.com/mapas/politico.htm>>. Acesso em: 22 fev. 2018.

MONBEIG, Pierre. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. São Paulo: Hucitec; Polis, 1984.

NASCIMENTO, Rozimbo. **Rozimbo Nascimento**: entrevista [14 ago. 2012]. Entrevistadora: Rafaela Sales Goulart. Florínea (SP), 2012. Áudio MP3 (1h4min54s).

NUNES, Adão Cícero Ferreira. **Processo de (des)ocupação de Florínea-SP**. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia em Geografia)–Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 1993, p. 18.

PENÇO, Celia de Carvalho Ferreira. **A “evaporação das terras devolutas” no Vale do Paranapanema**. Tese (Doutorado em História)–Universidade de São Paulo, São Paulo, 1980.

PESSOA, Jadir de Moraes. Mestres de caixa e viola. **Cadernos Cedex**, Campinas, v. 27, n. 71, p. 63-83, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v27n71/a05v2771.pdf>>. Acesso: 24 fev. 2018.

PESSOA, Jadir de Moraes; FÉLIX, Madeleine. **As viagens dos Reis Magos**. Goiânia: Editora da UCG, 2007.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Projeto História**, São Paulo, v. 15, abr. 1997.

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto n.º 891-A – 1948**. Cria uma Coletoria Federal no município de Cândido Mota, no estado de São Paulo, com parecer da Comissão de Constituição e Justiça considerando o projeto inconstitucional. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948. 2 p. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=E96015C720BC7DCD8C5130A9C1C28EAA.proposicoesWeb1?codteor=1227917&filename=Avulso+-PL+891/1948>. Acesso em: 26 fev. 2018.

RICARDO, Cassiano. **Marcha para oeste: a influência da bandeira na formação social política do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1940.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SILVA, Amado de Jesus. **Amado de Jesus Silva**: entrevista [15 maio 2013]. Entrevistadora: Rafaela Sales Goulart. Florínea (SP), 2013. Áudio MP3 (1h50min27s).

SILVA, Benedito da. **Benedito da Silva**: entrevista [22 jul. 2013]. Entrevistadora: Rafaela Sales Goulart. Florínea (SP), 2013. Áudio MP3 (1h35min4s).

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. **Projeto História**, São Paulo: Educ, v. 15, p. 51-71, 1997.